

MANIFESTAÇÕES ESPONTÂNEAS: IMAGENS DE LULA PRESIDENTE NO CARNAVAL DE OLINDA EM 2004

Betania Maciel*

Resumo: O Carnaval de Olinda, um dos mais conhecidos carnavais de rua do mundo, é uma festa que se caracteriza por sua magnitude em termos culturais e pela importância histórica e patrimonial do cenário onde se desenvolve. Através de seus blocos, troças, desfile de bonecos gigantes, maracatus e muito frevo, o carnaval olindense se revela como alvo de todas as projeções sociais, refletindo múltiplas visões da realidade social. Com base na projeção dos imaginários social e político atuais, estudamos a imagem do Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva e as manifestações de agravo e desagravo diretamente relacionadas com suas ações, através de registros feitos pelas ladeiras de Olinda e anotações e entrevistas com seus atores, complementados com uma investigação do bloco carnavalesco “Lula e o Polvo”. O objetivo do presente trabalho é iniciar uma busca de informações veiculadas pelas manifestações populares diretamente relacionadas a este objeto, coletando um grande número de imagens e depoimentos que confrontamos com a literatura científica existente, para documentar de esta forma o estudo sobre o tema.

Fundada em 1535 por Duarte Coelho Pereira, donatário da capitania de Pernambuco, Olinda logo se tornou a capital, residência dos senhores de engenho e pessoas influentes. Desta época datam suas igrejas e seu casario, legítimos representantes da arquitetura barroca do período colonial. Com a chegada dos holandeses em 1630, que preferiram a localização de Recife, baixa como sua terra

* Doutora em Comunicação Social - Universidade Metodista de São Paulo, Mestre em Comunicação Rural - Universidade Federal Rural de Pernambuco, professora do Centro de Estudos Superiores Barros Melo - AESO/CESBAM.

natal e dotada de um porto natural, Olinda começa a perder importância na capitania. Incendiada pelos flamengos em 1631, mesmo após a expulsão destes em 1654 Olinda continuaria a perder terreno para Recife. A rivalidade entre as duas culminou com a Guerra dos Mascates, em 1710. Hoje, o antigo lar da nobreza lusitana não pode mais competir economicamente com a metrópole e capital do estado. Entretanto, a magia de suas ladeiras, de seu casario, suas igrejas e seu carnaval continuam incomparáveis.

No Carnaval de Pernambuco, sobretudo na cidade de Olinda, existe um grupo que difere das tradicionais troças, dos Blocos e dos Clubes de Frevo, sem prejuízo na sua função alegre e animadora. São os Clubes de alegorias e críticas ou "Clubos de Bonecos", como popularmente são conhecidos. Suas origens confundem-se com as influências das diversas manifestações culturais que provocaram o aparecimento do entrudo lusitano, aportado aqui através do colonizador europeu, e, mais tarde, transformado no carnaval que hoje se apresenta colorido, animado, contagiante.

Segundo BAKHTIN(1987, p.7) “ durante o carnaval é a própria vida que representa e, por certo tempo, o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência. O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a prosperidade fundamental de todas as formas de risos e espetáculos cômicos da idade média”.

As alegorias presentes nos clubes de bonecos de Olinda apresentam duas particularidades etnológicas na sua formação: a máscara e o gigante. A história registra, em quase todas as culturas conhecidas, o emprego de máscaras durante cerimônias religiosas, folguedos de plantio e colheita e na representação das artes cênicas. Na África ela tinha função mística e terrífica. No Brasil era generalizado o seu uso entre indígenas, embora não tenha alcançado popularidade entre os colonizadores.

Segundo BAKHTIN, 1987, P.18-19 Estas manifestações que tiveram suas raízes na era medieval apresenta uma forma de interpretar baseado no pensamento que “... no reino utópico da universalidade, da liberdade, da igualdade e da abundância, em que haveria “ a abolição de todas as relações hierárquicas” e se instalaria outra estrutura social, na qual todos eram considerados iguais e em que reinava uma forma particular de contatos livres, familiares, entre indivíduos separados na vida normal pelas barreiras intransponíveis constituídas por sua condição, sua fortuna, sua profissão, sua idade, sua situação de família.

Em Olinda aconteceu a identificação dessas influências culturais com o espírito carnavalesco do povo. Em 1932 foliões liderados por Benedito Bernardino da Silva fundaram o Clube de Alegoria e Crítica, "Homem da Meia-noite", onde a principal figura é um boneco com 3,5 metros de altura, confeccionado pelo milenar processo do "papier maché". Por sair à zero hora do sábado gordo, a agremiação alcançou a tradicionalidade de abrir oficialmente o carnaval olindense, onde uma multidão aguarda ansiosamente pelo início do desfile que percorre as ruas e ladeiras seculares da cidade. Ao contrário dos outros grupos, os clubes de bonecos não possuem bandeira ou estandarte. A única e principal alegoria é o boneco transformado na identidade inconfundível do grupo, que também se caracteriza pela ausência de fantasias, paetês, miçangas e lantejoulas. Outra particularidade do Homem da Meia noite é a indumentária dos componentes das agremiações, apenas uma camisa de fibra de algodão com o nome do clube e o ano do desfile estampados no peito. O ponto alto desses grupos são as orquestras com que se apresentam. Logo se observa que não se trata de um folguedo para se ver, mas, principalmente, e, por excelência, para se acompanhar, dançar o frevo, participar de uma alegria incomparável. No entanto, não é só durante o período carnavalesco que os bonecos vão as ruas. Nos movimentos políticos, nas comemorações de aniversário da cidade e, eventualmente, em solenidades especiais há a oportunidade de se conviver com a alegria transbordante dos clubes de alegorias e críticas ou os bonecos de Olinda.

O Carnaval em Pernambuco é uma mistura de ritmos e manifestações folclóricas: frevos, maracatus, ursos, cabodinhos, escolas de samba, troças e blocos. Uma mistura envolvente e colorida, nas ruas de Recife, Olinda, Petrolina e outras cidades do Leão do Norte. Para os pernambucanos, em Recife é realizado o melhor, e maior, carnaval do mundo. Será?

Os festejos carnavalescos são a possibilidade utópica de mudar de lugar, de trocar de posição na estrutura social; de inverter o mundo em direção à alegria, a abundância, à liberdade e, sobretudo, à igualdade de todos perante sociedade (LUCENA FILHO, 1998, p. 37).

Tradição é o que não falta: desde o início do século, a folia do Recife já era formada por sociedades carnavalescas que percorriam as principais ruas do centro da cidade.

Mas nesse trabalho nos deteremos especificamente ao Carnaval de Olinda. Irreverência, criatividade e gente bonita tornaram o carnaval de Olinda um dos mais famosos do mundo. Dia e noite estão os foliões lá, nas estreitas e ruas e

ladeiras da cidade tombada pela Unesco como Patrimônio Cultural da Humanidade. Os bonecos gigantes são outra marca do carnaval olindense - o homem da meia-noite, a mulher do meio-dia, o menino da tarde.

Sabe-se que em Roma eram realizadas celebrações com o nome de festas saturnais, por ocasião do início da primavera. De Roma, tais festas se estenderam por toda a Europa Ocidental.

Com o cristianismo, o carnaval passou a ser comemorado nos três dias que antecederam a quaresma, período de jejum, penitência e sacrifícios. Estas tradições foram caindo em desuso.

No século passado, no Brasil, realizava-se uma festa conhecida como "entrudo" (jogavam água nas pessoas que passavam) trazida pelos portugueses; existiam, também, nos entrudos, os "limões de cera"(bolas de cera cheias de água ou perfume que eram atirados nas pessoas para estourar). O entrudo foi proibido por tornar-se violento, sendo substituído por bailes e festas de salão.

O carnaval chegou às ruas, ainda no século passado, através dos corsos, "zé-pereiras" que deram origem mais tarde aos cordões carnavalescos, blocos e escolas de samba (a 1ª nascida no Rio de Janeiro; desfilou em 1928).

Nesta época, o carnaval passa a tomar sua configuração atual, como a maior festa popular brasileira. Surge um símbolo da alegria: o Rei Momo (folião corpulento usa fantasia, cetro e coroa de rei).

O Carnaval de Olinda é considerado o melhor Carnaval de rua do mundo. Todo ano, atrai mais de um milhão de foliões, para as ruas e ladeiras do Sítio Histórico. Uma festa que, por sua magnitude em termos culturais e pela importância mundial do cenário onde se desenvolve, exige do governo municipal iniciativas que tornem possível a convivência entre a preservação do patrimônio de pedra e cal e a mais pura manifestação popular do Brasil, com resultados positivos para ambos.

A magia de Olinda também pode ser captada pelas lentes dos milhares de fotógrafos que, desde sempre, buscam eternizar no celulóide suas belezas naturais e a história que transpira de seu patrimônio de pedra e cal. Apesar de seguidamente retratada, Olinda sempre guarda uma surpresa para quem a procura. Seja em um recanto nunca fotografado, seja em um ângulo novo de ver a eterna beleza de sua paisagem.

Blocos, troças, desfile de bonecos gigantes, maracatus e muito frevo. Esse é o universo do Carnaval de Olinda que, neste ano, trouxe o tema "Olinda: 350

anos da Restauração Pernambucana”, comemorando a vitória na nação brasileira contra os invasores holandeses. É a Restauração Pernambucana, momento histórico que marca, com a união do povo brasileiro contra os invasores holandeses, a formação do sentimento de nacionalidade.

Todo ano, cerca de três milhões de pessoas se aglomeram no maior Carnaval popular do mundo, onde as tradições permanecem, enaltecendo a autêntica cultura pernambucana e atraindo turistas de todos os lugares do mundo e neste ano, mais de 340 grupos desfilaram pelas ladeiras da cidade, da sexta até a quarta-feira de Cinzas. Colorida e enfeitada, a cidade tem um Carnaval de destaque não só pelo caráter democrático, agregando atrações múltiplas e foliões ainda mais diversos, mas também pela irreverência dos personagens e agremiações criados pelos organizadores e público criativos.

Como de costume, a folia é engrandecida por um tema, que permeia toda a decoração e identidade visual do Carnaval.

A opinião do povo explode, igualmente e com um vigor decisivo, no tríduo carnavalesco. Não apenas nos ditos chistosos, nas fantasias, nos cartazes e estandartes dos clubes, blocos, ranchos, escolas de samba e outros conjuntos momescos, nem unicamente nos carros alegóricos dos chamados “ clubes de alegorias e crítica”.

E como diz Beltrão, 1971 “ O carnaval brasileiro (notamente o carioca e o pernambucano, como os mais típicos), carnaval de rua, com cordões, música, coreografia e fantasias, pode ser olhado como um grandioso espetáculo de massa, uma “ feerie” colossal, de que participam todas as classes sociais. Por isso mesmo é que o tríduo momesco se constitui, como o assinalamos, na mais vigorosa oportunidade de manifestação da opinião coletiva.”

Mas como o bom da festa é mesmo subir e descer ladeira, durante os quatro dias, cinco orquestras itinerantes não am deixar a poeira baixar. No intervalo da passagem das agremiações carnavalescas, as orquestras estavam agitando as ruas com o ritmo mais popular da terrinha, o frevo. Os roteiros este ano foram mais curtos que no ano passado, para que o folião não ficassem sem diversão entre a passagem das agremiações. Serenatas e a música não faltaram. Os tradicionais desfiles de agremiações, esbanjando ritmo, euforia, colorido e criatividade, pedem a passagem no meio da multidão. São vários estilos, entre troças, clubes de bonecos, clubes de fantasias, blocos, ursos, caboclinhos, maracatus, afoxés e boizinhos. Para quem tem mais disposição, há também o Homem da Meia-Noite, abrindo a folia, e o Bacalhau do Batata, na quarta-feira de cinzas.

A irreverência do bloco “ Enquanto Isso na Sala de Justiça” , com super-heróis que vão do tradicional Batman aos recém-inventado Super Ávit e Super Bonder, ou o baticum do “ Eu Acho É Pouco” . Aliás, samba é o que mais tem, com grupos como a Escola de Samba “Preto Velho” e o “Patusco”. Aqueles que pretendem conhecer mais sobre a cultura negra, muito presente na festa, não perderam, por exemplo, o Afoxé Alafin Oyó e o Maracatu Nação Pernambuco. Bom, tem muito de tudo.

“O carnaval é basicamente uma inversão do mundo. Uma catástrofe. Só que é uma reviravolta positiva, esperada, planejada e, por tudo isso, vista como desejada e necessária em nosso mundo social” (DA MATTA, 1986, p. 74-78).

Este ano a homenageada do Carnaval, foi eleita através de voto popular, obtendo 3.673 votos. Jodecilda Ariola de Lima, mais conhecida como Dona Dá, é uma grande carnalesca da cidade de Olinda. Além de estimular a saída de agremiações, ela já trabalhou fazendo fantasias e bordados para desfiles tradicionais. Na década de 80, junto com os vizinhos, preparou um Carnaval participativo, premiando as troças que passavam na Ladeira da Boa Hora, onde mora. Hoje, sua casa, durante a folia, é um ponto de apoio para famosos carnalescos e foliões. Manter a tradição do autêntico carnaval de rua, com a volta do desfile de blocos tradicionais como “ Vassourinhas” e “ Bloco da Saudade” nas ladeiras de Olinda.

Com base nesse quadro decidimos estudar a imagem de um bloco carnalesco criado em 2003 por um grupo de amigos embalados pela campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva e como para se montar um grupo carnalesco é necessário somente a inspiração, a criatividade, gente e muita animação este bloco foi formado e saiu pela segunda vez esta ano. O bloco se chama : “Lula e o Polvo” e de forma bem irreverente está sempre testando o carisma popular do presidente da república. A primeira vez que o bloco saiu foi no dia 2 de março de 2003, domingo de Carnaval. Neste dia o bloco “Lula e o Polvo” arrastou uma multidão, incluindo as 500 camisas vendidas do bloco. Foram 4h de muita festa, 40 litros de batidas de frutas e 480 copos de água mineral distribuídos gratuitamente, durante o percurso, aos foliões com a camisa do bloco. Um boneco gigante do presidente Lula, confeccionado pelo artista plástico Fernando Perrisé e sua esposa, D. Iraci, que inspirou-se nos tradicionais bonecos da zona norte carioca, virou atração no Carnaval olindense.

O bloco Lula e o Polvo e o boneco, que ficou conhecido como Lulão, foram convidados para a abertura oficial do Carnaval de Olinda, junto com os blocos

mais tradicionais da cidade. O bloco apareceu também, duas vezes no Carnaval do Recife Antigo, no sábado e na segunda-feira de Carnaval deixando o Marco Zero surpreso com a ilustre presença do presidente da república.

O bloco Lula e o Polvo cresceu e arrastou muito mais foliões no Carnaval de Olinda. O nome do bloco já pegou no meio universitário e a popularidade do presidente Lula aumentou ainda mais o número de foliões.

A imagem é de um boneco com um polvo na cabeça e as pessoas com camisas e muitas com adereços que nos remetem as situações atuais relacionados à política econômica, social e administrativa do presidente Lula.

Quando Luiz Inácio Lula da Silva era ainda candidato, muitos já haviam participado de sua vitória a presidência da República convertendo-o ao grande herói que ia realizar as mudanças a partir das bases nesse país.

“O carnaval pode ser alvo de todas as projeções sociais. Ele surge, portanto, como uma imensa tela social, onde essas múltiplas visões da realidade social são simultaneamente projetadas” (DA MATTA, 1979, p. 95).

Depois da vitória do presidente de honra do PT, Luís Inácio Lula da Silva, um torneiro mecânico e antigo líder sindical de orientação esquerdista, no pleito à Presidência da República Federativa, algumas perguntas quase que se impõem: a democracia brasileira evoluiu? Será que a vitória do operário de esquerda que, derrotando o economista letrado, se eleva ao mais alto cargo da República, representa uma factível evolução do espírito publicista do cidadão brasileiro? Ou será mais uma manifestação da orientação carismático-personalista do eleitorado pátrio, potencializada pelo marketing profissional das campanhas políticas? Em fim, o que a vitória de Lula em si representou e representa para a democracia nacional? E estas manifestações espontâneas ainda são apresentadas através do povo. Uma espécie de participação do povo na vida política.

O pensamento popular, aproveita todas as oportunidades para fazer-se presente e fazer valer. As festas religiosas e profanas, celebradas com desfiles e entretenimentos populares são momentos de explosão, destes sentimentos recalçados (BELTRÃO, 1971).

Registramos temas freqüentes como:

O Programa Fome Zero, placas feitas de papelão com dizeres assim: “ Fome zero paciência 4” e outra também em papelão onde estava escrito “ Fome de Lulinhas fritas”.

As viagens de Lula também foram temas de fantasias: um homem com todas as características físicas do presidente e também vestido de terno e gravata dentro de um aviãozinho de papelão e dona Marisa na frente também muito organizada com um vestido social e cheia de adereços e na frente tinha escrito assim: Lullinhas aéreas e seus programas sócias.

A compra de um avião para o presidente: O presidente dançando com um avião de brinqueto bem ornamentado e dizendo assim o cartaz: Este é ano 2004.

Críticas com relação a Dona Marisa a primeira dama: Ela passeando pela rua e um cabelereiro atrás pentenando e maquinado e e secando o cabelo dela e ela também estava bem caricaturada.

E por fim anotamos o presidente Lula e a primeira dama dançando com uma taça de champagne, o importante era considerara forma de tomar aguardente numa taça gesticulando como um cidadão do povo quando toma aguardente e sente o ardor na garganta.

Outra manifestação apresentada foi ele passear pelas ruas com uma vara cheia de bonés pendurados.

Estas foram algumas manifestações encontradas neste carnaval no domingo e na segunda-feira entre os horários de 11h às 17h nas ladeiras de Olinda.

Com essa pesquisa começamos a iniciar uma busca de informações veiculadas pelas manifestações populares como diz LUCENA FILHO, 1998, P.37 “ Nessa imensa tela social encontramos as variadas manifestações culturais que compõem a realidade brasileira.

Lula é eleito pela grande maioria do povo brasileiro o presidente da república, aquele que veio para salvar sendo muitas vezes comparado com o salvador. Choros, risos, histerias, alegrias e salves num país sem fronteiras na busca da salvação.

Havia muito que dizer e muitos interessados em ouvir afinal foram quatro candidaturas consecutivas. Em 1989, ele quase conseguiu. Cinco anos depois, foi derrotado não por um candidato, mas por um plano econômico. Há quatro anos, perdeu para o primeiro presidente que concorreu à reeleição. Em janeiro de 2003, depois de 13 anos de espera, o ex-torneiro mecânico e ex-líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva subirá a rampa do Palácio do Planalto e receberá a faixa de presidente da República.

Há muitos ensaios sobre o carnaval Pernambuco especificamente o carnaval de Olinda e Recife. O livro de Katarina Real, antropologista norte-americana que com amor e sem ironia, pesquisou anos a fio o fabuloso manancial do entrudo pernambucano.

Aludimos ao carnaval como uma fase-clímax da manifestação opinativa do povo. Tanto assim que a polícia de costumes, ao regulamentar a liberdade dos festejos momescos em plena época da ditadura, incluiu uma série de dispositivos restritivos da crítica à religião, à bandeira nacional, aos chefes de estado e autoridades constituídas e que hoje com a abertura e uma democracia mais aberta no sentido da opinião pública e na mídia podemos ver essa crítica e protestos nas ruas sem a pressão de policiais armados determinados a impedir a manifestação dos pensamentos.

São essas manifestações veículos de pensamento, desejos, aspirações e protestos. Podemos identificar o carnaval de Olinda e essa expressão sobre o governo de Lula como uma expressão lírica das coisas que hoje acontecem no país, tanto das coisas simples, toda malícia de nossa gente e, às vezes, toda a amargura que a vida distribui sem olhar a quem, traduzindo esses sentimentos nas suas manifestações.

Como se processa o florescer da informação, transmutada em opinião, expressa na sátira, na crítica, na caricatura e nos símbolos, onde estão cheios de entretenimentos, folguedos e autos populares.

Enfim é a forma de não continuarmos somente apreciando nessas manifestações folclóricas apenas os seus aspectos artísticos, a sua finalidade diversional, mas procurarmos entendê-las como a linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do sentir, tantas e tantas vezes discordantes e mesmo opostos ao pensar e ao sentir das classes oficiais e dirigentes.

Referências Bibliográficas

BAKTIN, Mikhail Mikailovitch. **A cultura popular na idade média e no renascimento**: o contexto de François Rabelais / Mikhail Bakhtin; Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BELTRÃO, Luis. **Comunicação e Folclore**. São Paulo: ed. Melhoramentos, 1971.

CASCUDO, Luis da Câmara. **História de nossos gestos**. São Paulo: ed. Universidade de São Paulo, 1986.

LUCENA FILHO, Severino. **Azulão do Bandepe**: Uma estratégia de comunicação organizacional. Recife: ed. Do Autor, 1998.

MATA, Roberto. **Carnavais, Malandragens e Heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro, 1979.

MATA, Roberto. **O que faz o Brasil, Brasil?** Rio de Janeiro. Rocco, 1986.

PINTO, Alexandra. **Publicidade**: Um discurso de sedução. Porto ed. 1977.